



Estudos Teológicos foi licenciado com uma Licença Creative Commons –  
Atribuição – NãoComercial – SemDerivados 3.0 Não Adaptada

**O ASPECTO SECULAR-RELIGIOSO DOS *PEANUTS*:  
UMA ANÁLISE TEOLINGUÍSTICA DA PRÉDICA  
DE CHARLES SCHULZ ATRAVÉS DA NARRATIVA FIGURADA<sup>1</sup>**

*The secular-religious aspect of Peanuts:  
a teolinguistic analysis of Charles Schulz's sermon  
through the figured narrative*

**David Pessoa de Lira<sup>2</sup>**

**Resumo:** Charles Schulz era de origem luterana e afirmava que, em suas tiras, ele desenhava para dois tipos de editores: os seculares e os eclesiásticos. Ele salienta que trabalhava para editoras seculares através das associações de jornais e que, naturalmente, ele deveria ter uma certa cautela para expressar coisas. Fato é que Schulz também trabalhou para uma publicação católica romana, a *Timeless Topix*. Ele chegou a afirmar que várias pessoas em trabalho religioso haviam escrito para lhe agradecer pela pregação da sua maneira através das histórias em quadrinhos. Boa parte da vida de Schulz foi dedicada à tira dos *Peanuts*. Ele tinha o trabalho em igrejas para encorajar pessoas diante de certas dificuldades, mas o aspecto secular dos *Peanuts*, principalmente de Charlie Brown, trouxe contribuições no que diz respeito aos aspectos religiosos das pessoas quando a tira passou a ser amplamente divulgada entre 1958 e 1971. A influência foi tamanha que o reverendo presbiteriano Robert L. Short publicou *The Gospel According to Peanuts* (1962) e *The Parables of Peanuts* (1968). Os *Peanuts*, para Schultz, era uma “confissão de fé”. Este texto prima mostrar que, a despeito de sua finalidade de um cotidiano secular, Schultz deixa inferir, nos personagens de *A Boy Named Charlie Brown*, palavras de empoderamento e encorajamento, e isso transpassa as fronteiras da secularidade e da religiosidade. O presente artigo objetiva mostrar, por meio de uma análise *teolinguística*, como os *Peanuts* conservaram aspectos seculares e religiosos em sua linguagem.

**Palavras-chave:** Charles Monroe Schulz. Charlie Brown. *Peanuts*. Teolinguística. Linguagem religiosa e secular. A Turma do Minduim.

---

<sup>1</sup> O artigo foi recebido em 30 de março de 2016 e aprovado em 27 de maio de 2016 com base nas avaliações dos pareceristas *ad hoc*.

<sup>2</sup> Doutor em Teologia pela Faculdades EST, em São Leopoldo/RS, Brasil, professor de Língua e Literatura Latinas do Departamento de Letras da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), em Recife/PE, Brasil. Líder do Grupo de Pesquisa Hermeneia – Língua e Literatura Grega e Latina da Antiguidade e do Medievo, na Linha de Pesquisa Literatura Hermética Grega e Latina. Contato: lyrides@hotmail.com

**Abstract:** Charles Schulz was of Lutheran origin and stated that in his strips he drew for two types of editors: the secular and the ecclesiastical. He points out that he worked for secular editors through newspaper associations and therefore, he, naturally, had to take care how he expressed things. The fact is that Schulz also worked for a Roman Catholic publication, the *Timeless Topix*. He affirmed that various people who were in religious work had written thanking him for his way of preaching through comic strips. A good part of Schulz's life was dedicated to the Peanuts comic strip. He had the work of encouraging people in churches facing certain difficulties, but the secular aspect of Peanuts, mainly of Charlie Brown, brought contributions with respect to the religious aspects of the people when the strip came to be widely propagated between 1958 and 1971. The influence was such that the Presbyterian reverend Robert L. Short published *The Gospel According to Peanuts* (1962) and *The Parables of Peanuts* (1968). Peanuts, for Schulz, was a "confession of faith". This text aims to show that, despite its finality being secular daily life, Schultz lets emerge, in the persons of A Boy Named Charlie Brown, words of empowerment and encouragement, and this passes through the borders of secularity and of religiosity. This article aims to show, through a theolinguistic analysis, how Peanuts conserved secular and religious aspects in its language.

**Keywords:** Charles Monroe Schulz. Charlie Brown. Peanuts. Theolinguistics. Religious and secular language. The Minduim Group.

## Introdução

A despeito de sua finalidade de um cotidiano secular, pode-se pressupor que Charles Schulz, nos personagens de *A Boy Named Charlie Brown*, emprega palavras de empoderamento, alteridade e encorajamento, transpassando as fronteiras da secularidade e da religiosidade. Desta forma, por meio de uma análise *teolinguística*, faz-se necessário mostrar como os *Peanuts* (batizados no Brasil de *A Turma do Minduim*, e conhecidas também como *Snoopy*), enquanto *narrativa figurada* (em forma de história em quadrinhos, *comic strips*, *cartoon* ou *comics*), conservaram aspectos seculares e religiosos em sua linguagem. Em um primeiro momento, faz-se necessário descrever panoramicamente a vida de Charles Schulz e o surgimento, o desenvolvimento e o ápice dos *Peanuts*. Em um segundo momento, convém apontar como os *Peanuts* refletem a profissão de fé de Charles Schulz e a implicação disso para sua vida. Numa fase ulterior, deve-se averiguar a modalidade da linguagem religiosa da prédica de Charles Schulz através da *narrativa figurada*. Segundo a teoria *teolinguística*, a prédica apresenta uma modalidade diferenciada da linguagem religiosa litúrgica e bíblica. Essa modalidade da linguagem religiosa surte um efeito diferente daqueles empregados nas orações, fórmulas, credos e leituras bíblicas.

## A vida de Charles Schulz: surgimento, desenvolvimento e o ápice dos *Peanuts*

É quase impossível falar de Charles Schulz sem descrever sua vida em relação aos *Peanuts*. É fundamental, *a priori*, ressaltar os pontos importantes no percurso de

sua vida em confluência com sua obra. Schulz marcou os personagens dos *Peanuts* e também foi marcado por aquilo que ele mesmo criou e produziu. Ao fazer um panorama resumido de sua biografia, percebe-se o quanto sua relação com os *Peanuts* resultou em uma história de si mesmo.

Charles Monroe Schulz (1922-2000) era filho único do barbeiro alemão chamado Carl Schulz e da norueguesa Dena Halverson Schulz, nascido em Minneapolis, estado de Minnesota. Foi apelidado de *Sparky* pelo seu tio devido à história em quadrinhos de *Barney Google*, cujo cavalo era *Sparkplug*. Aos seis anos de idade, sua família se mudou para St. Paul, e lá um professor da Mattocks School o incentivou a fazer seus primeiros desenhos. Aos 12 anos, a família adquire um cachorro branco com marcas pretas, chamado *Spike*, o qual serviu de inspiração para o desenho da personagem de *Snoopy*. Em 1936, Schultz entrou na St. Paul Central High School e trabalhou como *caddie* no Highland Park Golf Club.<sup>3</sup>

Com 13 anos de idade, publicou pela primeira vez o desenho de *Spike* para um artigo de *comics* intitulado *Believe It or Not* de Robert Ripley. Em 1940, Charles Schulz se formou no ensino médio. Ele contribuía com desenhos no anuário do ensino médio, mas eles nunca chegaram a ser publicados. Schulz chegou a fazer um curso de cartunista por correspondência pelas *Federal Schools* (conhecida posteriormente como *Art Instruction*) de Minneapolis. Depois de ter servido ao exército dos USA e de ter retornado da Segunda Guerra Mundial, em 1945, ele foi contratado para produzir páginas de um livro animado para uma publicação católica romana, a *Timeless Topix*, e também se tornou instrutor da *Art Instruction*. Ele começou a contribuir com a história em quadrinhos intitulada *Li'l Folks* para *Pioneer Press* de St. Paul, onde circulou semanalmente durante dois anos.<sup>4</sup>

Em 1948, ele vendeu um desenho singular em múltiplos painéis sequenciais (*panel cartoon*) para o *Saturday Evening Post*, onde mais 16 deles apareceram até o fim de 1950. Em 1950, reuniu os desenhos de *Li'l Folks cartoons* e os vendeu para *The United Features Syndicate*, que convidou Schulz para assinar um contrato em Nova Iorque com a finalidade de desenvolver um *comic strip*. Em 2 de outubro de 1950, apareceu a primeira tira diária de *Peanuts*. Uma página do *Peanuts Sunday* começou a circular em 6 de janeiro de 1952 e a tira *Peanuts* apareceu em 40 jornais diferentes dos USA. No mesmo ano, uma antologia foi publicada pela Rinehart.<sup>5</sup>

Em 1958, *Peanuts* apareceu em 355 jornais americanos e 40 diários estrangeiros. Em 1958, Schulz foi declarado o Humorista do Ano pela Universidade Yale. Em 1960, são lançados os primeiros cartões de saudações da Hallmark com características dos *Peanuts*. Em 1962, *The National Cartoonists Society* nomeou *Peanuts* a Melhor Tira de Humor do Ano. Dois anos depois, o reverendo presbiteriano Robert L. Short publica *The Gospel According to Peanuts* pela John Knox Press. Nesse mesmo ano, Schulz ganhou novamente o prêmio da *National Cartoonists Society*. No ano de 1963,

<sup>3</sup> SCHULZ, Charles Monroe. *My life with Charlie Brown*. Edited and with an introduction by M. Thomas Inge. Jackson: The University Press of Mississippi, 2010. p. xv.

<sup>4</sup> SCHULZ, 2010, p. xv-xvi.

<sup>5</sup> SCHULZ, 2010, p. xvi-xvii.

Schultz recebe, pelo *Anderson College*, em Anderson, Indiana, o grau de Doutor em Letras Humanas (LHD). Em 1965, a edição de 9 de abril da *Time* aparece com Charlie Brown estampando a capa. Ainda nesse ano, o especial televisivo *A Charlie Brown Christmas* vence os prêmios *Emmy* e *Peabody*. Em 1966, Schulz recebeu novamente o grau honorário de Doutor em Letras Humanas, dessa vez pelo *St. Mary's College*, em Moraga, Califórnia. Em 1967, recebeu o Certificado de Mérito pelo *Art Directors Club* de Nova Iorque; o musical *You're a Good Man, Charlie Brown* estreia na Broadway em 7 de março e continua durante quatro anos; os *Peanuts* estamparam a capa da edição de 17 de março da *Life*. O então governador da Califórnia, Ronald Reagan, declarou 24 de maio como o Dia de Charles Schulz. Robert L. Short publica seu segundo livro, *The Parables of Peanuts*, pela John Knox Press, em 1968. *Snoopy* foi indicado para o Programa de Sensibilização de Voo Tripulado. Em 1969, os astronautas da Apollo X levaram *Snoopy and Charlie Brown* para o espaço junto com eles. Os *Peanuts* estamparam a capa da edição de 12 de abril da *Saturday Review*.<sup>6</sup>

Em 1970, *Charlie Brown and Charlie Schulz*, de Lee Mendelson e Schulz, foi publicado pela World Publishing Company. O dia 17 de junho foi declarado o Dia dos *Peanuts* em San Diego, e Schulz recebeu a chave da cidade em 1971. A personagem Snoopy publicou *It Was a Dark and Stormy Night* com Holt, Rinehart and Winston. Os *Peanuts* estamparam a capa da edição de 27 de dezembro da *Newsweek*; Snoopy fez parte do *Holiday on Ice* show.

Em 1971, a tira *Peanuts* apareceu em mais de 1.100 jornais, chegando a uma leitura diária de mais ou menos um milhão de pessoas. Em 1973, Schulz ganhou o *Emmy Award* como escritor devido ao especial televisivo *A Charlie Brown Thanksgiving*. Em 1974, Schulz foi nomeado Grand Marshall of the Tournament da Roses Parade em Pasadena.<sup>7</sup>

Em 1975, a tira *Peanuts* incide em 1.480 jornais dos USA e em 175 em outros países. No mesmo ano, em 1975, *Peanuts Jubilee: My Life and Art with Charlie Brown and Others* foi publicado por Holt, Rinehart and Winston. O especial de televisão *You're a Good Sport, Charlie Brown* ganhou um *Emmy Award*. O especial de televisão *Happy Anniversary, Charlie Brown* ganhou um *Emmy Award*, em 1976. Dois anos depois, Schulz foi nomeado o Cartunista do Ano pelo *International Pavilion of Humor* em Montreal. Em 1979, Lee Mendelson e Schulz publicaram *Happy Birthday, Charlie Brown* pela Ballantine Books. No ano seguinte, o próprio Schulz recebeu o Prêmio Charles M. Schulz do *United Feature Syndicate* pelas contribuições no campo do cartunismo. Em 1980, *Charlie Brown, Snoopy, and Me*, de Schulz e R. Smith Kiliper, foi publicado pela Doubleday. O especial televisivo *Life Is a Circus, Charlie Brown* ganhou um *Emmy Award*. No ano de 1983, o especial de televisão venceu *What Have We Learned, Charlie Brown?* ganhou o *Peabody Award*.<sup>8</sup>

---

<sup>6</sup> SCHULZ, 2010, p. xvii-xviii.

<sup>7</sup> SCHULZ, 2010, p. xviii-xix.

<sup>8</sup> SCHULZ, 2010, p. xix-xx.

Em 1984, a tira *Peanuts* foi vendida para dois mil jornais e atinge o recorde, entrando no *Guinness Book of World Records*. *You Don't Look 35, Charlie Brown*, de Schulz, foi publicado por Holt, Rinehart and Winston em 1985. O Museu de Oakland, na Califórnia, abriu uma exposição de aniversário, *The Graphic Art of Charles Schulz*, tendo publicado o catálogo de exibição. Em 1986, Schulz entrou no Hall da Fama dos Cartunistas pelo *Museum of Cartoon Art* e recebeu o Prêmio “Golden Brick” pelas realizações em sua vida. Rheta Grimsley Johnson escreveu uma biografia *Good Grief: The Story of Charles M. Schulz* em cooperação com o próprio Schulz, sendo publicada pela Pharos Books em 1989. Um ano depois, o ministério francês de Cultura premiou Schulz, em Paris, com a *Ordre des Arts et des Lettres*, e o Museu do Louvre abriu a exposição *Snoopy in Fashion*. O Museu Nacional de História, em Washington, D.C., exibiu *This Is Your Childhood, Charlie Brown – Children in American Culture*. Em 1992, houve a exposição *Snoopy, the Masterpiece*, no Museu de Montreal de Fina Arte. Também nesse ano, o ministério italiano da Cultura premiou Schulz com a Ordem de Mérito. Em 1994, *Around the World in 45 Years: Charlie Brown's Anniversary Celebration*, de Schulz, foi publicado por Andrews and McMeel. Em 1995, *Around the Moon and Home Again: A Tribute to the Art of Charles M. Schulz* aconteceu no Space Center, em Houston, em celebração do 45º aniversário dos *Peanuts*. A rede de televisão A & E exibiu uma biografia televisiva dedicada a *Charles Schulz: A Charlie Brown Life*. Em 1996, uma estrela em honra a Schulz foi colocada na Calçada da Fama em Hollywood. No ano seguinte, a estreia do *Peanuts Gallery* da compositora Ellen Taaffe Zwilich se deu no Carnegie Hall.<sup>9</sup>

Em 1999, a tira *Peanuts* foi escolhida a melhor história em quadrinhos do século. *Peanuts: A Golden Celebration*, de Schulz, foi publicada pela Harper Collins. *You're a Good Man, Charlie Brown* abre com uma nova produção na Broadway. O Museu Internacional de Arte Cartoon, em Boca Raton, Flórida, abriu as celebrações de duração de um ano com exposição de *Fifty Years of Peanuts: The Art of Charles M. Schulz*.<sup>10</sup>

A última tira diária dos *Peanuts* apareceu em 3 de janeiro de 2000 e a última tira dominical se deu em 13 de fevereiro. Na tarde do dia 12 de fevereiro, Schultz veio a falecer em Santa Rosa, na sua casa. O Prêmio Milton Caniff de Realização em Vida foi apresentado postumamente a Schulz pela Sociedade Nacional de Cartunistas. Schulz também foi condecorado com a *Congressional Gold Medal*.<sup>11</sup>

Grande parte da vida de Charles Schulz foi dedicada às tiras que ele mesmo criou e divulgou. Em muitos detalhes, os *Peanuts* refletem parte de sua vida. A casa do Snoopy queimada até o chão é um bom detalhe que representa um incêndio que destruiu totalmente a casa de Schulz.<sup>12</sup> O próprio Snoopy é o desenho baseado em um cachorro da família, *Spike*. Charlie Brown é uma personagem que, em vários detalhes, lembra a própria angústia de Schulz. O próprio autor relembra a origem alemã e norueguesa na figura de Schroeder, uma personagem com fixação em Beethoven. É

<sup>9</sup> SCHULZ, 2010, p. xx-xxi.

<sup>10</sup> SCHULZ, 2010, p. xxi.

<sup>11</sup> SCHULZ, 2010, p. xxi.

<sup>12</sup> SCHULZ, 2010, p. xviii.

a partir da década de 1960 que os *Peanuts* se tornam largamente reconhecidos pelo público, embora desde sua criação houvesse uma boa aceitação dos jornais.

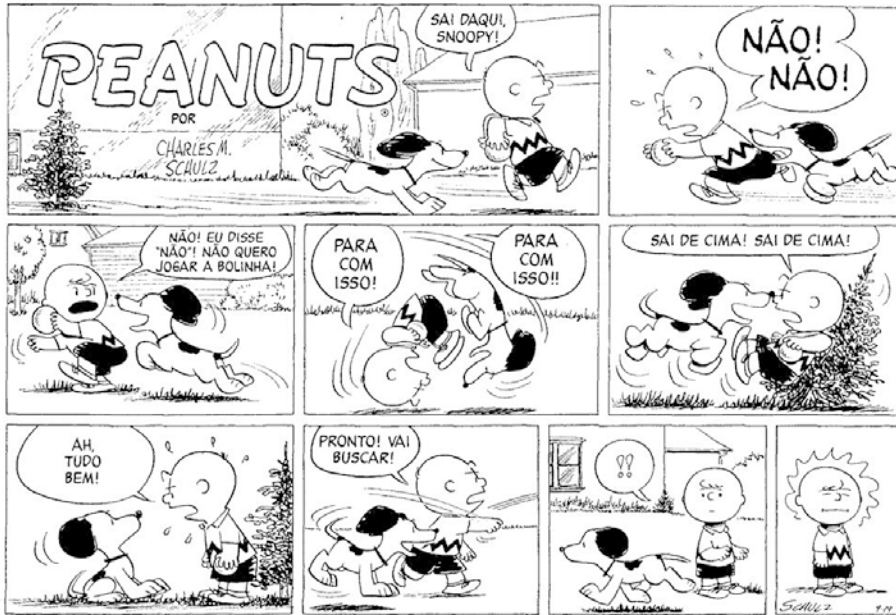


Figura 1: Tira de Peanuts

Fonte: SCHULZ, Charles M. *Peanuts Completo*: 1953-1954. São Paulo: LPM, 2010. p. 269.

## Os *Peanuts*: A profissão de fé de Charles Schulz

Os aspectos seculares e religiosos dos *Peanuts* não pairam apenas sobre as festas religiosas e convencionais que passaram a ser motivos comerciais, como Dia de Ação de Graças, Natal etc., e permeiam vários filmes e tiras dos *Peanuts*.<sup>13</sup> Charlie Brown, por exemplo, é capaz de expressar algo da angústia humana na extrema incapacidade de se livrar dos aspectos negativos que o envolvem. Essa tensão é muito marcante na obra de Charles Schulz, sem, contudo, deixar de olhar para esses aspectos com uma certa dose de ironia e humor. Como foi supramencionado, Schulz trabalhou para editoras seculares através das associações de jornais e, naturalmente, ele deveria contextualizar suas narrativas figuradas. Fato é que Schulz também trabalhou para publicação católica romana, a *Timeless Topix*. Ele chegou a afirmar que várias pessoas haviam escrito para lhe agradecer pela pregação à sua maneira através das histórias em quadrinhos. Ele tinha o trabalho em igrejas para encorajar pessoas diante de certas

<sup>13</sup> Cf. os filmes em PEANUTS: 1960's Collection. Uma produção de Lee Mendelson-Bill Mlendez em associação com Charles M. Schulz Creative Associates e United Features Syndicate.

dificuldades, mas o aspecto secular dos *Peanuts*, principalmente de Charlie Brown, trouxe contribuições no que diz respeito aos aspectos espirituais das pessoas em geral. Pode-se tomar como exemplos as obras do reverendo presbiteriano Robert L. Short: *The Gospel According to Peanuts* e *The Parables of Peanuts*, na década de 1970, quando os *Peanuts* passaram a ser amplamente divulgados. Os *Peanuts*, para Schultz, eram uma confissão de fé.<sup>14</sup> A *narrativa figurada* é qualquer narrativa que utiliza imagens com a finalidade de expressar ou transmitir ideias. A história em quadrinhos é uma expressão desse gênero narrativo.<sup>15</sup>



Figura 2: Tira de Peanuts

Fonte: SCHULZ, Charles M. *Peanuts Completo: 1953-1954*. São Paulo: LPM, 2010. p. 207.

Deve-se, *a priori*, entender o enfoque religioso nessa *narrativa figurada* utilizada por Charles Schultz. Assim, faz-se necessário perguntar sobre a dimensão de fé de Schulz na sua *narrativa figurada* e suas implicações. Ele afirma o seguinte:

Antes de entrar nas Forças Armadas, encontrei um ministro de uma congregação local. Ele andou na barbearia do meu pai um dia em Saint Paul, Minnesota, e tornamo-nos amigos. Não durou muito e nós o chamamos para pregar o sermão de funeral de minha mãe. Depois de voltar do exército, comecei a frequentar os cultos na sua igreja. Tínhamos um grupo ativo de jovens – todos nós tínhamos 20 anos – e começamos a estudar a Bíblia em conjunto.

Quanto mais eu pensava no assunto durante aqueles tempos de estudo, mais eu pensava que realmente amava Deus. Reconheci o fato de que ele me tinha tirado do aperto da depressão, quando me havia separado de tudo que eu conhecia, e que ele me tornou capaz de sobreviver a tantas experiências. Essas realizações não me vieram em qualquer grande momento específico de decisão. Eu nunca fui aos cultos dominicais vespertinos. Não posso indicar um momento específico da dedicação a Cristo. Eu apenas repentinamente estava “lá” e não sabia quando aconteceu que eu cheguei.

Aceitei Jesus Cristo pela gratidão. Sempre fui grato pelas coisas que o Senhor me deu: a boa saúde, a educação, a família e as experiências da Segunda Guerra Mundial, que agora são passado<sup>16</sup>.

<sup>14</sup> SCHULZ, 2010, p. 20-25.

<sup>15</sup> Sobre narrativa figurada, cf. ERA DA ESCOLHA: Linha de Pesquisa do Grupo Histórias Interativas do IAD-UFJF. Disponível em: <[http://historias.interativas.nom.br/ilustrenarrativa/?page\\_id=15](http://historias.interativas.nom.br/ilustrenarrativa/?page_id=15)>. Acesso em. 26 mar. 2016.

<sup>16</sup> “Before going into the armed forces I met a minister from a local congregation. He walked into my father’s barbershop one day in St. Paul, Minnesota, and we became friends. It was not long after that that we called him to preach my mother’s funeral sermon. After coming back from the Army, I began to attend services

Charles Schulz deve ter sido impactado pela morte de sua mãe. Sua mãe morreu de câncer em 1943. Logo em seguida, Schulz serviu às Forças Armadas e participou da Segunda Guerra Mundial. Isso é bem retratado por ele no texto acima. Outro detalhe que serve como testemunho de fé é o fato dele descrever não um momento exato, mas sua aceitação de Cristo por pura gratidão. Ao que parece, ele não era um frequentador fervoroso da igreja. Em um determinado momento, ele se deu conta que estava frequentando a igreja local e participava de encontros bíblicos de jovens fielmente.<sup>17</sup>

Um fato importante a ser salientado é que aqueles jovens começaram a percorrer áreas diferentes e se mudaram para locais diversos, e muitos deles vieram a ser membros ativos em outras igrejas. O próprio Schulz foi professor na classe de adultos na Escola Dominical em uma igreja de Sebastopol, na Califórnia. Naquele contexto, ele tentava encorajar novos membros com temas e questões do cotidiano, apresentando visões sem medo de embaraços. Schulz tinha a ideia de criar um clima favorável no qual as pessoas pudessem levantar questões sem temer algo. O método de Schulz parecia ser inovador: ele fazia com que as pessoas pensassem que ele estava fazendo uma leitura fora do contexto bíblico, mas, de fato, elas estavam, pela primeira vez, estudando a Bíblia por si só, trazendo problemáticas de suas vidas e tendo coragem de questionar e fazendo uma autoavaliação.<sup>18</sup>

Charles Schulz relatou que ele desenhava suas tiras para dois tipos de editores: seculares e eclesiásticos. Como foi mencionado, um dos seus primeiros empregos foi justamente com editores católicos. Seu trabalho para editores seculares se dava através dos jornais de domingo e ele deveria adequar seus desenhos às coisas cotidianas e seculares. No entanto, sempre apresentava uma mensagem particular para cada produção. Em todo caso, a mensagem chegava até o leitor religioso. As pessoas religiosas sempre agradeciam a ele pelas mensagens nos quadrinhos como se fossem uma pregação. Muitas pessoas também lhe perguntavam se ele ouvia conversas de crianças para produzir seus *comics*. Ele não se baseava em conversas de crianças nem tinha tempo de observar o comportamento animal, tal como de *Snoopy*. Isso era produto de sua reflexão e não de sua observação.<sup>19</sup>

Os trabalhos eclesiásticos de Schulz eram dedicados a adolescentes. E as revistas eclesiásticas conseguiram divulgar seus trabalhos para 70 diferentes igrejas sema-

---

at his church. We had an active group of young people— all of us were in our twenties— and we began studying the Bible together.

The more I thought about the matter during those studying times, the more I realized that I really loved God. I recognized the fact that He had pulled me through a depression in which I had been torn apart from everything I knew, and that He had enabled me to survive so many experiences. These realizations did not come upon me at any particular great moment of decision. I never went forward at a Sunday evening service. I cannot point to a specific time of dedication to Christ. I was just suddenly “there,” and did not know when it happened that I arrived.

I accepted Jesus Christ by gratitude. I have always been grateful for the things the Lord has provided me with: good health, education, family, and the experiences of World War II which have now passed into history”. SCHULZ, 2010, p. 20-21. (tradução própria).

<sup>17</sup> SCHULZ, 2010, p. xvi, 20-21.

<sup>18</sup> SCHULZ, 2010, p. 21.

<sup>19</sup> SCHULZ, 2010, p. 21, 24.



nalmente. Ele usou uma nova modalidade de mídia para expressar o ensino nos limites eclesiais e seculares. A melhor pregação que o Schulz poderia fazer seria pela *narrativa figurada*. Para ele, não se trata de um mero preenchimento de tempo para as crianças, adolescentes e adultos, trata-se de uma chance de narrar a figuratividade em um contexto adequado. Assim, o pregador-cartunista tem de ter o seu espaço na igreja para exercer o seu ministério. Por isso Schulz dizia aos editores: “Você tem de nos dar uma sala para trabalhar, e você tem de nos tolerar, também, e não considerar o *cartoon* como um mero ‘tampão’”<sup>20</sup>.

Isso remete à minha relação de gratidão. Sinto uma gratidão constante a Deus por sua paciência comigo e com todos nós. Não posso deixar de me emocionar cada vez que leio as coisas que Jesus disse, e convengo-me cada vez mais da necessidade de segui-lo. O que Jesus quer dizer para mim é isto: nele somos capazes de ver Deus e entender seus sentimentos para conosco. Ainda sou um crente, no que a igreja se refere como “vida santa”. Penso que isso se aplica a pessoa em qualquer profissão que esteja exercendo.<sup>21</sup>

A *narrativa figurada* de Schulz parte do enfoque de sua própria experiência religiosa e de uma visão mais ampla da secularidade envolvida nos aspectos conflituosos da alma humana. Em uma das tiras de Schulz que tematizava a segurança, Linus está ajoelhado com os braços na cama com a seguinte frase: “*Security is knowing you are not alone* (segurança é saber que você não está só)”<sup>22</sup>. Charles Schulz reproduziu o efeito religioso e suas reflexões sobre a vida na *narrativa figurada*, ajudando o leitor, em qualquer lugar, a se posicionar ante as adversidades do cotidiano. Cada tira em cada jornal semanal ou diário deveria evocar uma atitude diferenciada no leitor. Sua *narrativa figurada* era um olhar ou uma leitura obrigatória desvinculada das tensões profissionais para entrar na dimensão sagrada da vida. Ele apenas utiliza sua arte para exercer aquilo que diz acreditar como “vida santa”, a qual se exerce em qualquer profissão e atividade.

A dimensão secular, para Schulz, era permeada de sacralidade. A profissão secular era também uma profissão de fé no âmbito da “vida santa”. Se essa dimensão é aplicável a qualquer dimensão profissional, o seu resultado último não deixa de ter esse caráter sagrado. Mas deve-se perguntar se a linguagem da narrativa figurada dos *Peanuts* se expressa com todas as características *teográficas* como se encontra nas dimensões litúrgicas e bíblicas nas igrejas. Deveras, os *Peanuts* não podem narrar algo que não alcancem as pessoas em seus contextos. Então, como Schultz utilizou a

---

<sup>20</sup> “You have to give us room to work, and you have to tolerate us, too, and not regard the cartoon as a mere ‘filler’”. SCHULZ, 2010, p. 24. (tradução própria).

<sup>21</sup> “This comes back to my relationship of gratitude. I feel a constant gratefulness to God for His patience with me and with all of us. I cannot fail to be thrilled every time I read the things that Jesus said, and I am more and more convinced of the necessity of following Him. What Jesus means to me is this: in Him we are able to see God and to understand His feelings toward us. I am still a believer in what the church refers to as “holy living.” I think it is applicable for a person in whatever profession he may be working.” SCHULZ, 2010, p. 24. (tradução própria).

<sup>22</sup> SCHULZ, 2010, p. 25.

prédica se os *Peanuts* não constituem uma *narrativa figurada* com clichês e colocações bíblicos e litúrgicos?

## Teolinguística sobre a prédica de Charles Schulz através da narrativa figurada

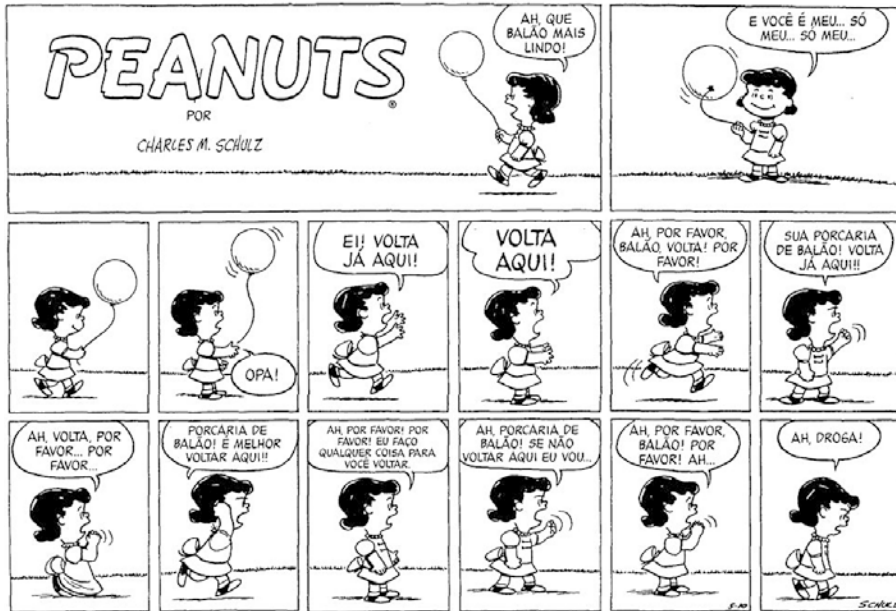


Figura 3: Tira de Peanuts

Fonte: SCHULZ, Charles M. *Peanuts Completo*: 1953-1954. São Paulo: LPM, 2010. p. 56.

Como foi mencionado, a *narrativa figurada* se expressa como a história em quadrinhos, *comic strips*, *cartoon* ou *comics*. Diferentemente do que se pode pressupor da linguagem religiosa, a tira supramencionada não apresenta nenhuma expressão ou jargão tipicamente crente. Apenas se menciona a Bíblia e suas versões em inglês. É claro que isso pode pressupor uma realidade contextual cristã, um autor bem informado sobre as versões bíblicas, as aplicabilidades de leitura assim como um bom conhecimento de passagens bíblicas. Contudo, a linguagem utilizada por Schultz para seus personagens é de caráter hodierno e cotidiano. Embora influenciado pelo mundo eclesástico, ele se expressa pela linguagem simples e ordinária, o que facilitaria seu acesso ao mundo das crianças, dos adolescentes, mas também dos adultos. O estudo da linguagem religiosa tem ganhado espaço na Europa e nos USA. Segundo o linguista David Crystal, a teolinguística é “um termo que tem sido usado para o estudo da

relação entre a linguagem e o pensamento e prática religiosa, como ilustrado pelo ritual, textos sagrados, pregação, declarações doutrinárias e afirmações privadas de fé<sup>23</sup>.

Contudo, a prédica, a pregação ou o sermão não segue uma simetria dentro da linguagem litúrgica ou religiosa. Dentro de um rito, a linguagem do sermão entra em uma digressão de formalidade sem deixar de ser religiosa. A leitura do texto bíblico, as recitações de fórmulas e da confissão de fé apresentam graus de formalismos diferentes da prédica. Isso advém do fato de que a linguagem religiosa se divide em campos ou modalidades. Por exemplo, a linguagem religiosa das Escrituras não opera da mesma forma como a linguagem de orações e hinos. A linguagem das pregações, das pregações e dos sermões apresenta seu próprio registro de caráter religioso, mas também de caráter retórico, com seus marcadores prosódicos que dizem respeito ao discurso público.<sup>24</sup>

Ademais, como bem destaca David Crystal,

como uma fonte de efeito linguístico, a linguagem religiosa é muito evidente dentro da literatura, onde pode ser feito um uso deliberado, evocativo da sua terminologia e fraseologia; ou no humor, onde se pode causar prontamente a risada discutindo um tópico não religioso, como um jogo de críquete, no tom de voz, gramática e vocabulário associado com [uso da linguagem religiosa]<sup>25</sup>.

Em todo caso, o uso contemporâneo da linguagem religiosa, além da linguagem religiosa bíblica e litúrgica, lida com atualização estratégica. A situação do discurso evoca princípios capitais de informação através de estratégias particulares. Isso requer do falante ou do enunciador informações que a situação exige. Por exemplo, o ensino cristão busca justamente essas estratégias. Seu objetivo é levar ou conservar a comunidade, de acordo com a situação, no que diz respeito a um paradigma específico dentro de um determinado âmbito. A prédica ou a pregação missionária é direcionada a neófitos enquanto o sermão dominical, de cunho pastoral, tenta preservar, por meio de argumentos, a doutrina de fé na comunidade de crentes, promovendo suas práticas ou ações.<sup>26</sup>

Charles Schulz foi professor de escola dominical e ele conhecia essas estratégias, não de forma analítica, mas de forma prática. Essas estratégias são cooperativas e dependem da situação e das pessoas envolvidas. Quando ele relatou sobre as tiras como pregações, ele não intencionava a prédica no âmbito pastoral *stricto sensu*, por-

---

<sup>23</sup> “Theolinguistics (n.) A term which has been used for the study of the relationship between language and religious thought and practice, as illustrated by ritual, sacred texts, preaching, doctrinal statements and private affirmations of belief.” CRYSTAL, David. *A dictionary of linguistics and phonetics*. 6. ed. Malden; Oxford: Blackwell Publishing, 2008. p. 484. (tradução própria).

<sup>24</sup> VAN NOPPEN, Jean-Pierre. *Developing Pragmastylistic Competence*. Université Libre de Bruxelles, Senior year coursebook adaptation. Presses Universitaires de Bruxelles, 2015. p. 14.

<sup>25</sup> “as a source of linguistic effect, religious language is very evident within literature, where a deliberate, evocative use may be made of its terminology and phraseology; or in humor, where one may readily cause laughter by discussing a nonreligious topic, such as a cricket match, in the tone of voice, grammar, and vocabulary associated with [religious language use].” CRYSTAL, David; DAVY, Derek. *Investigating English Style*. Bloomington: Indiana University Press, 1969. p. 148.

<sup>26</sup> VAN NOPPEN, 2015, p. 8-9.

que ele não era pastor nem ministro pastoral. Contudo, seu objetivo era extremamente prático com uma dose de aconselhamento pastoral: ajudar as pessoas por meio das tiras a superar as adversidades com um senso de humor. Nota-se como exemplo uma passagem de *A Boy Named Charlie Brown*:

Mais tarde, quando Charlie Brown se sentia completamente deprimido, Linus tentou lhe explicar que realmente não deveria se considerar como um perdedor. “Não acredito que algumas pessoas nascem perdedoras, Charlie Brown. Penso que isso é tudo loucura. Penso que se você tentar bastante e por muito tempo, você pode ser tão bom em algo como qualquer outro.

Enquanto falavam, os dois rapazes esboçaram um jogo da velha na areia em frente deles e começaram a preencher os quadrados com X e O.

Linus disse: “Não desista, Charlie Brown. Você é um bom jogador de bola, e se continuar tentando, vai ganhar uma porção de jogos de bola. Você *não* é um perdedor nato! Pode aprender a ganhar tanto quanto qualquer outro!”

Assim que Linus disse isso, desenhou uma linha de um canto do jogo da velha a outro e repentinamente se deu conta que tinha vencido Charlie Brown<sup>27</sup>.

A digressão em relação ao contexto formal da linguagem se dá a partir da própria natureza da linguagem religiosa do sermão, da pregação e da prédica. Charles Schulz explorou esse aspecto da linguagem religiosa na *narrativa figurada*. Como efeito linguístico, no humor, onde ele poderia causar risada, discutia o não religioso, como um jogo qualquer, associado com certa seriedade da linguagem de aconselhamento pastoral ou psicológico.

De fato, essa linguagem poderia se adequar a qualquer contexto. Percebe-se que a dose do humor recai na parte final do texto. Toda a parte anterior é seguida de aconselhamentos, empoderamentos e encorajamentos. O tema do encorajamento e do empoderamento, nos *Peanuts*, só foi possível graças à reflexão de Schulz sobre Romanos 8.26. Linus é marcadamente uma personagem motivadora e cheia de palavras positivas e propositivas. Ele marca a figura de um verdadeiro conselheiro, aconselhador ou amigo nas horas difíceis. Essa linguagem da personagem Linus pode ser

---

<sup>27</sup> “Later in the day when Charlie Brown was feeling completely depressed, Linus tried to explain to him that He really shouldn’t regard himself as a loser. “I don’t believe that some people are born losers, Charlie Brown. I think this is all foolishness. I think that if you try hard enough and long enough, you can be just as good at something as anyone else.

While they were talking, the two boys sketched a tic-tac-toe diagram in the sand in front of them and began to fill in the squares with X’s and O’s.

Linus said, “Don’t give up, Charlie Brown. You’re a good ball player, and if you keep trying you’re going to win your share of ball games. You are not a born loser! You can learn to win at things just as much as anyone else!”

Just as Linus said this, he drew a line from one corner of the tic-tac-toe diagram to the other and suddenly realized he had beaten Charlie Brown”. SCHULZ, Charles M. *A Boy Named Charlie Brown*. USA: Fawcett Crest, 1971. [sem paginação]. *A BOY NAMED CHARLIE BROWN*. Created and written by Charles M. Schulz. Directed by Bill Melendez. Produced by Lee Mendelson and Bill Melendez. USA: A Lee Mendelson Film Productions and Bill Melendez Features 1969 (2005 CBS Broadcasting). 1 DVD (81 min. aprox.), widescreen, color. Cena 3. (tradução própria).

adequada a um contexto de aconselhamento psicológico, pastoral ou mesmo pertencer a um sermão motivacional.

O personagem principal dos *Peanuts* é Charlie Brown. Linus Van Pelt e Lucy Van Pelt são irmãos e constituem a ambiguidade vivida por Charlie Brown. Linus é um grande motivador, enquanto Lucy representa a realidade depreciativa de Charlie Brown. Ela “torce contra” Charlie Brown, enquanto Linus tenta aconselhá-lo a vencer as vicissitudes da vida.

Charlie Brown, apesar de todo o esforço, perdeu a competição do *spelling bee* (jogo de soletrar). Toda a história de *A Boy Named Charlie Brown* gira em torno de sua fragilidade emocional e de seu espírito de perdedor. Linus e Charlie Brown estavam caminhando para escola quando ouviram algumas colegas conversando sobre a competição de *spelling bee*. Logo, Lucy, menosprezando Charlie Brown, perguntou-lhe se não iria se candidatar. Linus disse a Charlie Brown que se ele vencesse a competição, isso seria bom para seu moral. As meninas ridicularizaram Charlie Brown, entre elas, Lucy. Com a ajuda de Linus, Charlie Brown conseguiu estudar e passou nas fases iniciais da competição na escola local, indo para o *Annual Spelling Bee* em Nova Iorque. Chegando à final, Charlie soletrou errado a palavra *Beagle* como *B-E-A-G-E-L*.<sup>28</sup> Depois de retornar para casa, no dia seguinte:

Linus subiu e bateu levemente na porta do quarto e então a abriu lentamente.

“Posso entrar, Charlie?”, disse.

“O que está fazendo?”, perguntou Charlie Brown.

“Somente quero levantar a persiana”, respondeu Linus enquanto andava nas pontas dos pés no quarto e foi até uma das janelas. “Somente dei uma passada para ver como está.”

“Não quero falar com ninguém.”

“Mas tenho boas notícias”, disse Linus. “Nossa equipe ganhou alguns jogos de bola hoje.”

“Oh, legal.”

“Todo mundo sentiu sua falta”, continuou Linus. “Foi um jogo muito bom.” Então fez uma pausa por um momento e disse: “Você não vai levantar, Charlie Brown?”

“Não”, disse Charlie Brown. “Eu vou ficar aqui pelo resto da minha vida.”

“Bem, penso que sei como se sente”, disse Linus. “Foi, tipo, desagradável para você perder aquele jogo de soletrar, porque sei que você realmente tentou e estudou muito, e sei que sente que você desapontou todo o mundo”. Linus saiu pela porta, então virou e disse: “Mas notou algo, Charlie Brown?”

“O quê?”

“O mundo não acabou”, disse Linus, saiu do quarto e fechou a porta.<sup>29</sup>

---

<sup>28</sup> SCHULZ, Charles M. *A Boy Named Charlie Brown*. USA: Fawcett Crest, 1971. *passim*. *A BOY NAMED CHARLIE BROWN*. Created and written by Charles M. Schulz. Directed by Bill Melendez. Produced by Lee Mendelson and Bill Melendez. USA: A Lee Mendelson Film Productions and Bill Melendez Features 1969 (2005 CBS Broadcasting). 1 DVD (81 min. aprox.), widescreen, color. Cena 5-12.

<sup>29</sup> “Linus went upstairs and tapped on the bedroom door and then opened it slowly.

“May I come in, Charlie?” he said.

“What are you doing?” asked Charlie Brown.

“I just want to raise the shade,” answered Linus as he tiptoed into the room and went over to one of the windows. “I just stopped by to see how you are.”

Apesar de toda a frustração de Charlie Brown, Linus é capaz de trazer bom ânimo, palavras de empoderamento, resistência, encorajamento e, além disso, *alteridade*. Linus, várias vezes, coloca-se na situação de Charlie Brown: “Somente dei uma passada para ver como está”; “mas tenho boas notícias [...] nossa equipe ganhou alguns jogos de bola hoje”; “Bem, penso que sei como se sente”; “Foi, tipo, desagradável para você perder aquele jogo de soletrar, porque sei que você realmente tentou e estudou muito, e sei que sente que você desapontou todo o mundo”; “O mundo não acabou”. Frases como essas são típicas de um aconselhamento pastoral e psicológico.

Depois disso, Charlie Brown se levanta, toma seu banho, veste sua camisa e bermuda padrão. Ao sair de casa, percebe que tudo na vizinhança continua exatamente a mesma coisa: algumas garotas pulando corda, e um grupo de garotos jogando *marbles* (*bolinha de gude*). Mais adiante ele encontra Lucy brincando com uma bola de futebol americano. Ela posicionou a bola na frente dela e ele se preparou para correr por trás dela e chutar a bola. No exato momento quando ele iria chutar a bola, Lucy retirou a bola, e ele caiu. E ela disse: “Bem-vindo ao lar, Charlie Brown” – ele percebe que tudo iria continuar sendo a mesma coisa. De forma humorada, Schulz evoca que é possível ironizar suas próprias limitações sem dor e sofrimento, convertendo as adversidades em risos.<sup>30</sup>

A prédica de Charles Schulz por meio da *narrativa figurada* é capaz de equalizar sentimentos extremos e ambivalentes: da postura negativa até a postura proativa. Em última análise, Charles Schulz utiliza uma linguagem que se compromete ao contexto secular e religioso através de uma prédica figurada em vários âmbitos sociais, eclesiais ou não. Por essa razão, diz-se de algo extremamente inovador na década de 1970 e assaz atual.

---

“I don’t want to talk to anybody.”

“But I have good news,” said Linus. “Our team won a ball game today.”

“Oh, great.”

“Everyone missed you,” continued Linus. “It was a pretty good game.” Then he paused for a moment and said, “Aren’t you going to get up, Charlie Brown?”

“No,” said Charlie Brown. “I’m just going to lie here for the rest of my life.”

“Well, I think I know how you feel,” said Linus. “It was kind of hard on you losing that spelling bee because I know you really tried, and I know how hard you studied, and I know that you feel you let everyone down.” Linus went over to the door, and then turned around and said, “But did you notice something, Charlie Brown?”

“What’s that?”

“The world didn’t come to an end,” said Linus, and he walked out of the room and closed the door”. SCHULZ, Charles M. *A Boy Named Charlie Brown*. USA: Fawcett Crest, 1971. [sem paginação]. *A BOY NAMED CHARLIE BROWN*. Created and written by Charles M. Schulz. Directed by Bill Melendez. Produced by Lee Mendelson and Bill Melendez. USA: A Lee Mendelson Film Productions and Bill Melendez Features 1969 (2005 CBS Broadcasting). 1 DVD (81 min. aprox.), widescreen, color. Cena 12. (tradução própria).

<sup>30</sup> SCHULZ, Charles M. *A Boy Named Charlie Brown*. USA: Fawcett Crest, 1971. [sem paginação]. *A BOY NAMED CHARLIE BROWN*. Created and written by Charles M. Schulz. Directed by Bill Melendez. Produced by Lee Mendelson and Bill Melendez. USA: A Lee Mendelson Film Productions and Bill Melendez Features 1969 (2005 CBS Broadcasting). 1 DVD (81 min. aprox.), widescreen, color. Cena 12.

## Conclusão

Conclui-se que Charles Schulz foi influenciado pela linguagem da prédica, do sermão, da pregação, do aconselhamento pastoral e do ensino de estudos bíblicos. Não se trata de uma linguagem religiosa na modalidade litúrgica ou bíblica. Sua ênfase está na pragmática da linguagem do sermão aconselhador e encorajador em vários contextos sociais. *A teolinguística* é capaz de identificar os elementos unificadores de seu discurso motivacional e retórico sem desnivelar a modalidade da linguagem religiosa em detrimento da linguagem secular. Como prédica, a *narrativa figurada* apresenta uma modalidade diferenciada e surte efeitos diferentes de outras modalidades da linguagem religiosa. Schulz não reduziu sua *narrativa figurada* ao religioso, mas isso não excluiu a possibilidade de recorrer aos elementos transversais da linguagem religiosa em congruência ao âmbito secular. Ademais, não se pode negar que fatores importantes em sua vida fizeram repensar a vida na dimensão da gratidão a Deus e na sacralidade da sua profissão de cartunista atuando na vida de outras pessoas.

## Referências

- A BOY NAMED CHARLIE BROWN*. Created and written by Charles M. Schulz. Directed by Bill Melendez. Produced by Lee Mendelson and Bill Melendez. USA: A Lee Mendelson Film Productions and Bill Melendez Features 1969 (2005 CBS Broadcasting). 1 DVD (81 min. aprox.), widescreen, color. Cena 12.
- CRYSTAL, David. *A dictionary of linguistics and phonetics*. 6. ed. Malden; Oxford: Blackwell Publishing, 2008. 529 p.
- CRYSTAL, David; DAVY, Derek. *Investigating English Style*. Bloomington: Indiana University Press, 1969. 264 p.
- ERA DA ESCOLHA: Linha de Pesquisa do Grupo Histórias Interativas do IAD-UFJF. Disponível em: <[http://historias.interativas.nom.br/ilustrenarrativa/?page\\_id=15](http://historias.interativas.nom.br/ilustrenarrativa/?page_id=15)>. Acesso em: 26 mar. 2016.
- PEANUTS: 1960's Collection. Uma produção de Lee Mendelson-Bill Melendez em associação com Charles M. Schulz Creative Associates e United Features Syndicate.
- SCHULZ, Charles M. *A Boy Named Charlie Brown*. USA: Fawcett Crest, 1971. [sem paginação].
- \_\_\_\_\_. *My life with Charlie Brown*. Edited and with an introduction by M. Thomas Inge. Jackson: The University Press of Mississippi, 2010. p. xv.
- \_\_\_\_\_. *Peanuts Completo: 1953-1954*. São Paulo: LPM, 2010.
- VAN NOPPEN, Jean-Pierre. *Developing Pragmastic Competence*. Université Libre de Bruxelles, Senior year coursebook adaptation. Presses Universitaires de Bruxelles, 2015.